

Apresentação

Este livro nasce de um desafio que lançámos à comunidade académica portuguesa: visitar a obra de Miriam Halpern Pereira e desenvolver, discutir, rebater ou simplesmente inspirar-se em alguns dos tópicos por ela alguma vez abordados. O resultado é um impressionante fresco, diverso na especificidade dos temas tratados e nas perspectivas desenvolvidas, mas que, no seu conjunto, relança a discussão sobre os processos de desenvolvimento económico e de mudança social em Portugal nos últimos dois séculos. Entretanto, e porque alguns historiadores estrangeiros quiseram também associar-se a esta iniciativa, as suas contribuições proporcionam interessantes pistas de interpretação comparada do caso português.

Trata-se portanto de um livro de homenagem. Homenagem e tributo a uma historiadora que, pela obra publicada, pelo magistério universitário, pela orientação de teses e por variadas outras iniciativas, se tornou uma figura de referência maior da historiografia portuguesa das últimas décadas. No entanto, desde o início deste projecto editorial, procurou-se que ele não constituísse um mero conglomerado de contribuições avulsas e sem unidade temática, ao jeito corrente de muitos *festschriften* ou *mélanges en honneur*, nem um conjunto de textos de simples pendor laudatório para com a homenageada. Em alternativa, preferiu-se a eleição de um quadro temático e problemático central, em torno do qual se alinham as muitas colaborações reunidas neste volume.

O fio condutor é o de uma reflexão sobre os rumos seguidos pela economia e pela sociedade portuguesas, nos seus sucessos e nos seus fracassos, ao longo dos últimos dois séculos. A história contemporânea é um campo de estudos aberto à reflexão, em que as grandes transformações sociais que acompanharam o fim do Antigo Regime e o crescimento da sociedade liberal constituem o ponto de partida. Durante todo este período Portugal viu-se recorrentemente confrontado com a necessidade de redefinir uma estratégia para o seu desenvolvimento. Os modelos sucessivamente adoptados procuraram responder às mudanças e às contingências do enquadramento internacional, tanto quanto às dinâmicas políticas e sociais internas. Se, durante al-



guns períodos, foram bem sucedidos, a verdade é que, na longa duração, constrangimentos estruturais e conjunturais, tensões sociais e políticas, embates culturais, perspectivas de modernização e defesa da tradição se entrelaçaram numa complexa teia que deixou uma memória de insucesso.

Analisar e reflectir sobre as razões deste curso dos acontecimentos continua a ser para os historiadores uma obrigação cívica. Este livro inscreve-se pois nesse *desideratum*. E, nisso, cruza-se entretanto com o seu outro grande propósito, o de ser um livro de homenagem a Miriam Halpern Pereira, na medida em que parte destas problemáticas também atravessam a obra da historiadora. É certo que, entre a altura em que Miriam Halpern Pereira redigiu os seus primeiros estudos e a actualidade, os contextos da produção científica em História se alteraram substancialmente. Transformações de índole global e nacional concorreram para mutações metodológicas e conceptuais profundas. Mas aquele quadro problemático é, quanto ao essencial, o mesmo que tem informado o trabalho continuado da homenageada. Era-o já em 1971 quando publicou o seu estudo referencial intitulado *Livre-câmbio e Desenvolvimento Económico*. Era-o ainda, mais recentemente, quando deu à estampa *Diversidades e Assimetrias: Portugal nos Séculos XIX e XX* (2001). Foi-o sempre, afinal, nos muitos trabalhos mais específicos que sucessivamente foi publicando, dedicados a temas como a emigração, os níveis de vida, os padrões de consumo, a economia agrícola, a industrialização, o comércio externo, o problema dos mercados, as questões financeiras, as lutas liberais, as políticas económicas, os modelos de governança, a organização do Estado-Providência, entre muitos outros.

Em conformidade com os objectivos editoriais e com a orientação problemática mais geral, como se acaba de expor, o livro está organizado em cinco blocos temáticos, aos quais se acrescenta no final uma pequena secção exclusivamente dedicada à vida e à obra da autora.

O primeiro desses blocos centra-se na análise da economia e das políticas económicas. Abre com dois textos que não poderiam ser mais representativos dos diálogos historiográficos, por vezes polémicos, suscitados pelos trabalhos de Miriam Halpern Pereira sobre a economia portuguesa oitocentista. No primeiro deles, Pedro Lains faz uma história crítica da tese da dependência externa, que é, como se sabe, uma das teses centrais da obra da historiadora agora homenageada. No segundo, e a partir da análise dos debates parlamentares, David Justino revisita a discussão em torno da natureza livre-cambista ou proteccionista do fontismo. Numa linha diferente, e também com um outro enfoque, os textos de António Alves Caetano e de Guilherme d'Oliveira Martins ocupam-se das duas grandes crises financeiras da segunda metade do século XIX, respectivamente a de 1876 e a de 1891-1892, neste segundo caso analisando igualmente as suas repercussões políticas, ou seja, no entender do autor, uma decisiva aceleração da decadência da monarquia constitucional.



Segue-se depois um conjunto de trabalhos dedicados à complexa «questão agrária». Fernando de Sousa e Gaspar Martins Pereira debruçam-se sobre a região do Douro, a economia do vinho e o seu enquadramento institucional, no primeiro caso incidindo sobre um período mais remoto (1756-1825), e, no segundo, sobre as crises e a renovação da economia duriense verificadas na segunda metade de Oitocentos. Maria Carlos Radich percorre o mundo rural noutra vertente, explorando várias dimensões históricas da pecuária, enquanto Ramón Villares, numa perspectiva comparada entre Portugal e Espanha, interroga as transformações trazidas ao mundo rural peninsular pelo liberalismo.

Alguns dos temas relacionados com a indústria oitocentista são explorados numa dimensão microanalítica e biográfica por Ana Cardoso de Matos no seu estudo sobre o químico José Júlio Rodrigues, um homem que repartiu a sua vida entre o laboratório, a indústria e a intervenção política. A temática industrial prolonga-se pelo trabalho de Jorge Fernandes Alves, no estudo que dedica à produção de pasta de papel desde o século XIX até à segunda metade do século XX, onde as questões relacionadas com a mudança tecnológica e a organização empresarial são também abordadas. É igualmente no domínio da história empresarial que se inscreve o último dos textos desta primeira secção, assinado pelo historiador italiano Giulio Sapelli, o qual, de forma inovadora, discute a relação entre a troca de mercado e de não-mercado, e explora a utilização de conceitos antropológicos de inspiração maussiana, como a *dáviva*, na análise da evolução recente da economia capitalista.

As dinâmicas sociais do Portugal oitocentista e novecentista, com destaque para o crescimento urbano e para algumas das suas implicações sociológicas, constituem o elemento agregador dos estudos reunidos na segunda parte deste livro. Desde logo, ocupam-se de questões como a alimentação, o consumo, o abastecimento e os níveis de vida na cidade, nisso, aliás, retomando e reactualizando alguns temas pioneiramente evocados por Miriam Halpern Pereira (veja-se o seu «Niveaux de vie et consommation au Portugal», publicado em 1975 nos *Annales*). Maria Alexandre Lousada recua aos inícios do século XIX para, a partir da análise das tabernas e casas de pasto lisboetas, determinar os padrões de alimentação dos grupos populares urbanos. Maria Manuela Rocha estuda o mercado de carne da capital na segunda metade do século. Jaime Reis, por seu turno, concentra-se no declínio do bem-estar material da população lisboeta entre 1890 e 1910. Com base na análise combinada dos dados sobre salários, consumo, estatura física da população e demografia, procura construir um modelo, de aplicação mais geral, capaz de esclarecer a medida e o sentido de comportamento da variável *bem-estar*.

Os meios populares urbanos e os seus problemas sociais são ainda percorridos, embora noutras vertentes, tanto por Maria João Vaz, no estudo que dedica aos crimes de furto em Lisboa no final de Oitocentos, como por Rui Brás, o qual se debruça sobre discursos e práticas operárias a partir da obser-



vação dos manipuladores de tabacos de Lisboa. É ainda da grande metrópole que se ocupa o sociólogo Vítor Matias Ferreira. Olhando para a cidade de Lisboa na transição dos anos 1930-1940, o autor analisa várias questões relacionadas com o urbanismo e as políticas urbanas, discutindo a relação entre autoritarismo e modernização da cidade.

Ainda nesta secção, Anne Cova considera, num olhar cruzado, uma outra dimensão das dinâmicas sociais: as que tiveram as mulheres por protagonistas. Numa abordagem comparativa entre França e Portugal, analisa o associativismo das mulheres entre 1900 e 1918. Por fim, Hélder Fonseca e Paulo Guimarães, em trabalho conjunto, analisam a mobilidade social intergeracional em dois contextos urbanos do Sul do País, a partir dos quais procuram aprofundar a problemática da estratificação, da mobilidade e da fluidez social no Portugal contemporâneo.

É ainda de dinâmicas sociais que se ocupa a terceira parte do livro, desta feita elegendo como objecto privilegiado a emigração e os movimentos migratórios. Fenómeno de tradição muito longa na história de Portugal, o seu impacto decisivo na modelação da sociedade portuguesa durante os últimos dois séculos está fora de qualquer dúvida. A sua investigação tem, de resto, ocupado de forma recorrente o horizonte historiográfico de Miriam Halpern Pereira, de que a obra *A Política Portuguesa de Emigração* (1981) constitui um dos mais emblemáticos resultados. Os cinco textos reunidos nesta secção fazem um bom balanço do muito que se tem feito nesta área de estudos e abrem caminhos e perspectivas para novos aprofundamentos sobre a matéria.

No primeiro deles, Álvaro Ferreira da Silva analisa os padrões de mobilidade interna na segunda metade do século XIX. Os restantes textos são dedicados à emigração. Numa reflexão mais teórica e metodológica, Robert Rowland discute a relação entre os factores económicos e não económicos subjacentes às migrações e mostra as vantagens de uma abordagem a que chama «meso-analítica». Maria Ioannis Baganha oferece-nos uma perspectiva de síntese sobre a emigração transatlântica, que, no caso português, foi responsável pela saída de dois milhões de pessoas entre 1855 e 1930. A autora descreve as principais características e discute as causas desse colossal fenómeno migratório. O caso mais específico da emigração dos açorianos para o Brasil, no século XIX, é desenvolvido por Fátima Sequeira Dias. Entretanto, uma perspectiva claramente sociocultural da emigração, nos seus dois termos, a partida e o retorno, pode encontrar-se no trabalho de Nuno Pinheiro, feito com base nessa fonte extraordinária que é a imagem fotográfica, disponível já a partir da segunda metade de Oitocentos.

O quarto bloco temático leva por título «Mudança política e institucional», correspondendo a uma vertente analítica que não só vale por si mesma como é indispensável à caracterização das dinâmicas sociais e económicas do Portugal contemporâneo. Os estudos aí reunidos situam-se num arco tempo-



ral que vai dos finais do Antigo Regime até ao «princípio do fim» do regime salazarista, nos anos 60 do século xx. Um arco temporal que, aliás, acompanha o âmbito cronológico também percorrido por Miriam Halpern Pereira na sua obra *Das Revoluções Liberais ao Estado Novo*, onde se coligem estudos em que a dimensão política e sociopolítica da análise histórica é privilegiada.

No primeiro dos oito trabalhos que preenchem este núcleo temático, Nuno Gonçalo Monteiro reequaciona o alcance e os limites do reformismo absolutista na sua última fase. Maria Beatriz Nizza da Silva concentra-se no problema da independência do Brasil, analisando em particular o intenso debate que a mesma suscitou de um e de outro lado do Atlântico. Reportando-se a um período mais tardio, Eloy Fernández Clemente desenvolve uma análise comparativa das biografias pessoais, políticas e intelectuais de duas grandes figuras do liberalismo peninsular, o português Oliveira Martins e o espanhol Joaquín Costa, destacando o grande paralelismo entre ambos. Também de teor biográfico é o estudo que Benedicta Duque Vieira consagra às memórias de uma outra personagem oitocentista, o jornalista João Félix Rodrigues.

Com um enfoque temático diverso, embora mantendo o século XIX como referencial cronológico, Frédéric Vidal trata de um assunto que tem sido bastante negligenciado: a institucionalização do registo civil em Portugal. Além de destacar o seu significado político – o registo civil é uma das expressões mais eloquentes da centralização política concretizada pelo liberalismo, na medida em que representou a apropriação pelo Estado do registo dos cidadãos e dos seus principais actos de vida – o autor foca sobretudo os modos de recepção, as resistências e as consequências da difusão das novas normas de identificação a nível das relações interindividuais. A problemática da laicização do Estado está também presente, embora a época seja já outra, no texto que David Luna de Carvalho preparou sobre as missões militares de propaganda republicana no continente português, as quais tiveram por principal objectivo fazer a pedagogia da Lei da Separação do Estado e da Igreja entre as populações. Finalmente, destacam-se as contribuições de António Costa Pinto e Luís Nuno Rodrigues para a história política do Estado Novo. O primeiro, incidindo sobre os seus primórdios, com uma reflexão sobre o apelo carismático de Salazar e do novo regime. O segundo, pelo contrário, concentrando-se na sua fase final, para, numa dimensão internacional, observar o crepúsculo da «era Salazar» e a ascensão de Marcelo Caetano.

Na organização geral deste volume, a parte quinta apresenta características relativamente diversas. Comporta, por um lado, algumas reflexões de natureza mais geral, como aquela em que António Manuel Hespanha interroga o lugar ocupado pela História no panorama da cultura portuguesa contemporânea. Por outro, contempla uma discussão sobre a História e o significado de alguns conceitos centrais para a moderna historiografia, como é caso de *nação*, *so-*



cidade e comunidade, trabalho e lazer, aqui tratados respectivamente por Carlos Maurício, Ana Maria Pina e José Luís Cardoso. A seu modo, correspondem também a uma das dimensões da obra de Miriam Halpern Pereira, uma historiadora que sempre fez acompanhar o labor empírico de uma cuidada preocupação conceptual, e que sempre teve a preocupação de reflectir sobre o officio e o campo disciplinar que elegeu, como fica demonstrado num dos seus mais recentes estudos, precisamente sobre *A História e as Ciências Sociais* (2005). É também em estreita relação com a sua obra e com a sua carreira profissional que devem ser entendidos os dois textos aqui consagrados à problemática dos arquivos, tanto o de Armando Malheiro da Silva, sobre a relação entre políticas e práticas arquivísticas, como o de Carlos Damas, sobre o caso específico dos arquivos empresariais.

A pequena secção final do livro é integralmente dedicada à homenageada. Num breve testemunho pessoal, o antropólogo Raúl Iturra evoca as memórias da sua colaboração com Miriam Halpern Pereira na revista *Ler História*, projecto que, de resto, constitui uma das suas contribuições mais significativas para o desenvolvimento da historiografia portuguesa nos últimos vinte e cinco anos. O percurso académico da autora, incluindo a listagem de todas as suas publicações, em trabalho assinado por Magda Pinheiro, encerra a sequência de contribuições reunidas neste volume.

Nas suas linhas gerais, é este o conteúdo e a organização da obra que agora se publica. Enquanto organizadores, registamos com particular agrado a diversidade que atravessa todo o livro, sem prejuízo da coerência global que lhe é conferida pela articulação das muitas contribuições individuais em torno de um eixo problemático central. De facto, a diversidade (de temas, de escolas, de gerações, de conclusões) impera. Aliás, o unanimismo foi rejeitado e, mais importante ainda, ninguém se poupou a desenvolver os seus pontos de vista, sejam ou não coincidentes com os da obra e da historiadora a quem todos, desde logo pelo facto de participarem neste livro, querem prestar o seu reconhecimento. Que melhor homenagem se pode prestar a um historiador do que discutir ou mesmo contrariar algumas das suas teses? É mostrar que a sua obra está viva e continua a despertar a atenção, a revisão, o apoio, a crítica da comunidade académica.

Neste sentido, pensamos poder apresentar ao público um livro que, para além de espelhar a simultânea diversidade e unidade da própria obra de Miriam Halpern Pereira, constitui também um claro testemunho da actual vitalidade da historiografia portuguesa.

Finalmente, um livro com estas características não teria podido ver a luz do dia sem o concurso de numerosas vontades e apoios, que cumpre agora



agradecer. Em primeiro lugar, e fundamentalmente, os organizadores desejam agradecer aos autores pela sua disponibilidade para colaborarem neste projecto colectivo. Uma palavra especial é devida à imprescindível colaboração de Maria João Vaz na tradução e organização dos textos, a Lara Carregã pelo apoio de secretariado, à Imprensa de Ciências Sociais, às entidades que deram apoios financeiros, como o Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa, o ISCTE, a Fundação para a Ciência e a Tecnologia e a Assembleia da República.

José Vicente Serrão
Magda de Avelar Pinheiro
Maria de Fátima Sá e Melo Ferreira

